A photograph of an older man with glasses, wearing a dark t-shirt and shorts, kneeling in a barn. He is smiling and petting a white sheep with black markings on its face. The sheep is lying on a bed of straw. In the background, other sheep are visible in a dimly lit barn with wooden walls and a window showing greenery outside.

# Ética do relacionamento com animais: a perspectiva utilitarista de Peter Singer

Aula 17

4 de Maio

# Sumário da aula anterior

- Humanos e Animais
- Especismo e Excepcionalismo Humano
- Perspectiva sobre os Animais ao longo do tempo
- Psicologia e os Animais
- Consciência Animal
- Senciência

# Programa da aula



- Senciência como Critério Moral
- Senciência e Interesses
- Senciência contra o Especismo
- Consequências da Senciência e Interesses
- Utilitarismo de Preferências
- Animais como “Pessoas”
- Problemas da Perspectiva Utilitarista de Peter Singer

# Senciência como critério moral



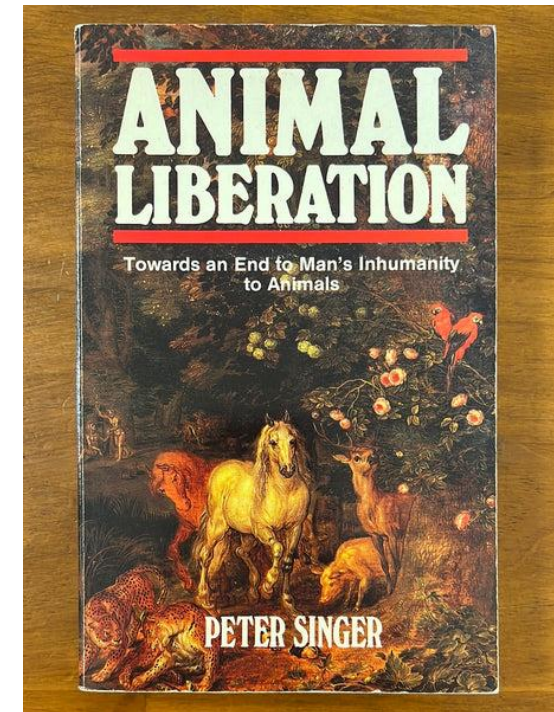
Para Peter Singer, o critério da sentiência deve conduzir a uma “Ética da Libertação Animal”.

“O movimento de Libertação exige a expansão dos nossos horizontes morais (...) e a reinterpretação do princípio ético fundamental da igualdade”



Peter Singer vê a ética animal como decorrendo da aplicação de critérios e princípios da ética humanista **aos animais**.

Trata-se de **alargar o universo de consideração moral** a outros seres que não apenas os humanos – os animais – procurando conferir a esses seres **titularidade ética** (e jurídica).



# Senciência como critério moral

Peter Singer defende então que o critério que satisfaz a condição de ser moral, ou o que determina o valor intrínseco de um ser, **é a capacidade de sentir.**

Na linha de Bentham, para Singer a questão que se coloca, quando se trata de animais, não é “eles podem raciocinar?” ou “eles podem comunicar?”, **mas sim “será que sofrem?”.**

A **capacidade de sofrer** é a característica vital que confere a um ser o direito à **consideração igualitária.**



# Senciência como critério moral



A inflicção de sofrimento constitui inegavelmente um mal moral.



Logo, devemos incluir no universo de consideração moral todos os seres com a faculdade de sentir (ou seja, sencientes).



Defendendo a aplicação do **Princípio de Igualdade na Consideração de Interesses** idênticos (não sofrer), apenas uma atitude especista impede ou dificulta que este princípio abranja também os animais.

# Senciência e interesses



Esta perspectiva engloba uma concepção abrangente de **bem-estar**, como satisfação **dos interesses próprios** de todas as entidades capazes de sentir dor ou prazer, felicidade ou sofrimento.

Para Peter Singer a **posse de interesses próprios é a condição necessária e suficiente para se ser objecto de consideração ética**, independentemente da espécie, raça, sexo,... pois implica **algo comum**, para além das diferenças particulares: a **senciência**.



A ausência de **senciência** implica a ausência de interesses e, conseqüentemente, de consideração moral.



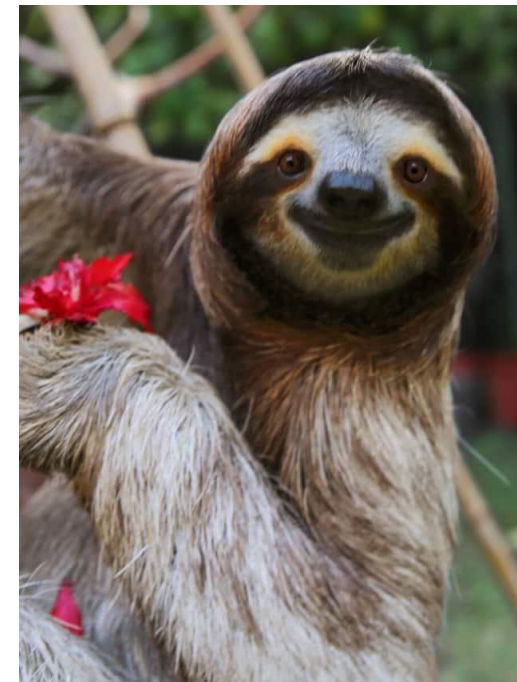
# Senciência e interesses



O Princípio de Igualdade na Consideração de Interesses **não** significa atribuir os mesmos direitos a seres humanos e a animais não-humanos, tratar de igual forma uns e outros, nem afirmar que não existem diferenças morais de relevo entre ambos.



Este princípio significa apenas **ter igual consideração pelos mesmos interesses**, quaisquer que eles sejam. A verdadeira igualdade ética é instaurada se atendermos aos mesmos interesses.



# Senciência contra o Especismo



Se a posse de consciência, razão ou linguagem serve como critério para excluir os animais não-humanos da esfera da moralidade, de acordo com alguns pensadores, segundo Singer a satisfação dos interesses próprios **não depende destas capacidades.**



O interesse de cada animal deve ser satisfeito **dentro da sua especificidade** (eu ter interesse em jogar xadrez; um cão ter interesse em brincar com uma bola).

# Senciência contra o Especismo



Certamente, todo o ser senciente é capaz de levar uma vida mais feliz ou menos infeliz do que uma qualquer vida alternativa e, por isso, **tem o direito de ser tido em conta.**



Neste sentido, a distinção entre seres humanos e não humanos **não é uma divisão nítida**, mas sim um *continuum* ao longo do qual nos movemos gradualmente, com sobreposições entre espécies, desde capacidades simples de prazer e satisfação, ou dor e sofrimento, até capacidades mais complexas.



# Senciência contra o Especismo



Alguns animais possuem mais capacidades (sencientes, conscientes, cognitivas ou de raciocínio) do que alguns humanos.



A universalização das capacidades intelectuais – que são obviamente características distintivas do ser humano – **não pode ser a base de consideração moral**. Apenas um **especismo preconceituoso** defenderá que os animais não podem ser objectos de consideração moral.

# Consequências da Senciência e interesses



O princípio de igual consideração de interesses tem a grande vantagem de oferecer uma **base racional** para o alargamento da ética aos animais não humanos.



Ultrapassa a contingência de **uma atitude meramente emotiva para com os animais**, que **não** é susceptível de ser universalizada e, por conseguinte, e ser transformada num princípio ético.



# Consequências da Senciência e interesses



Quais as consequências de aplicarmos aos animais não-humanos este princípio?



# Consequências da Senciência e interesses



A Ética de Libertação Animal de Peter Singer advoga que **todos os animais dotados de sistema nervoso capaz de determinar sensações de prazer ou de dor têm estatuto moral** e, portanto, são dignos de consideração e respeito, devido a possuírem interesses.



Defende o  
vegetarianismo



Critica a  
experimentação  
animal



Critica o comércio  
de peles



Critica as touradas

# Consequências da Senciência e interesses



Sendo o interesse fundamental de qualquer entidade senciente o seu próprio bem-estar, a primeira medida a tomar seria pôr fim ao sofrimento causado pelas práticas de produção intensiva de animais para consumo.

- Os animais são privados de liberdade de movimentos
- São impedidos de estabelecer laços sociais com membros da sua espécie
- São transportados e “descarregados” sem as mínimas condições de conforto (como coisas)
- Os momentos que antecedem a morte são de grande sofrimento físico e angústia psicológica
- Uso de hormonas – para maximização da produção – que leva a alterações no metabolismo, induzindo stress fisiológico e afectando o sistema imunitário e a capacidade reprodutiva



# Consequências da Senciência e interesses



O vegetarianismo argumenta que os cidadãos do mundo industrializado podem facilmente obter uma alimentação adequada sem a utilização da carne dos animais.



Apenas 10% do valor nutritivo dos cereais usado na alimentação dos animais.

Por isso a carne é um luxo: é uma situação na qual um interesse humano supérfluo tem de ser contrabalançado pelas vidas e bem-estar dos animais afectados

# Consequências da Senciência e interesses



A vida dos animais no campo é decerto melhor do que dos animais criados em unidades industriais.



Porém, continua a ser duvidoso que usá-los para alimentação seja compatível com a igualdade na consideração de interesses.



Peter Singer considera que a questão importante não é saber se a carne dos animais *poderia* ser produzida sem sofrimento, mas se a carne que estamos a considerar comprar *foi* produzida sem sofrimento.



Mesmo no caso de animais criados no campo, é um erro **sacrificar importantes interesses do animal para satisfazer interesses menores da nossa parte.**

# Consequências da Senciência e interesses



Se compararmos os nosso interesse lúdico com o interesse do bem-estar animal, em todo o tipo de espectáculos ou exposições animais, constatamos a enorme **desproporção**. Eticamente, estas actividades deveriam ser abolidas.



No caso dos jardins zoológicos, a privação de liberdade ocasiona graves problemas de saúde: aumento de doenças cardíacas, cancro e úlceras, a par de disfunções psicológicas – como comportamentos violentos para com membros da própria espécie ou até a depressão profunda.

# Consequências da Senciência e interesses



A utilização de milhões de animais em experiências laboratoriais, para testar cosméticos, produtos de higiene, detergentes e medicamentos deve cessar, dado o enorme sofrimento que provoca nos animais e a incerteza dos resultados.



No caso dos primeiros, nem sequer faz sentido, já que a maioria dos produtos existe há muito tempo nos mercados, e cuja diversidade apenas responde ao ímpeto da nossa sociedade consumista.



# Consequências da Senciência e interesses



Teste de Draize: injeção de produtos concentrados nos olhos dos animais, para testar a toxicidade e irritabilidade de produtos de limpeza/cosméticos.



Teste DL 50: para determinar a “dose letal” ou o nível de consumo que provoca a morte de 50% dos animais da amostra. Muito usado no estudo de aditivos alimentares (corantes e conservantes).

Devido à diversidade dos produtos que já temos, os benefícios para a humanidade são nulos ou incertos, enquanto as perdas para os membros das outras espécies são certas e reais.



Estas experiências violam o Princípio de Igualdade da Consideração de Interesses de todos os seres, independentemente da espécie a que pertencem.

# Experimentação para fins médicos



E no que diz respeito à experimentação em animais para fins médicos?

Obedecendo à máxima utilitarista de promoção do **maior bem-estar para o maior número**, Singer conclui que apenas são eticamente legítimas experiências que, comprovadamente, beneficiem um grande número de pessoas e outros animais.

Fazê-lo seria um bem e estaria de acordo com a igualdade na consideração de **interesses**.



Esta é a **resposta que um utilitarista tem que dar**. Quem acredita em direitos absolutos podia sustentar que é sempre um mal sacrificar um ser, quer humano quer animal, em benefício de outrem. Nesse caso, a experiência não se deve efectuar.

# Experimentação para fins médicos



Esta resposta utilitarista de salvar muitas pessoas fazendo experiências em alguns animais poderia levar um adversário do especismo a perguntar: será admissível efectuar experiências em seres humanos com um grau de desenvolvimento intelectual idêntico ao das espécies usadas em laboratório, isto é, seres humanos com limitações cognitivas ou de consciência ?

Se não o fazemos, isto é uma discriminação unicamente com base na espécie.

Primatas e mamíferos são tão ou mais sensíveis à dor e conscientes do que está acontecer do que estes seres humanos.

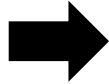


Peter Singer ajusta a sua posição, corrigindo esta perspectiva holista sobre a acção ética que implica a aprovação do sacrifício de alguns em prol do maior bem-estar para o todo.

# Utilitarismo de preferências de Singer



UTILITARISMO HEDONISTA  
(define felicidade como prazer  
e infelicidade como dor)



UTILITARISMO DE PREFERÊNCIAS (define felicidade  
como a capacidade de satisfazer preferências  
(desejos, projectos, planos, objetivos))



Aplica-se aos seres que não são capazes de conceber o seu próprio futuro.



Aplica-se aos seres que podem conceber o seu próprio futuro (inclui, naturalmente, os seres humanos e alguns primatas - gorilas, chimpanzés, orangotangos – alguns mamíferos; exclui, por exemplo, os peixes e as aves).

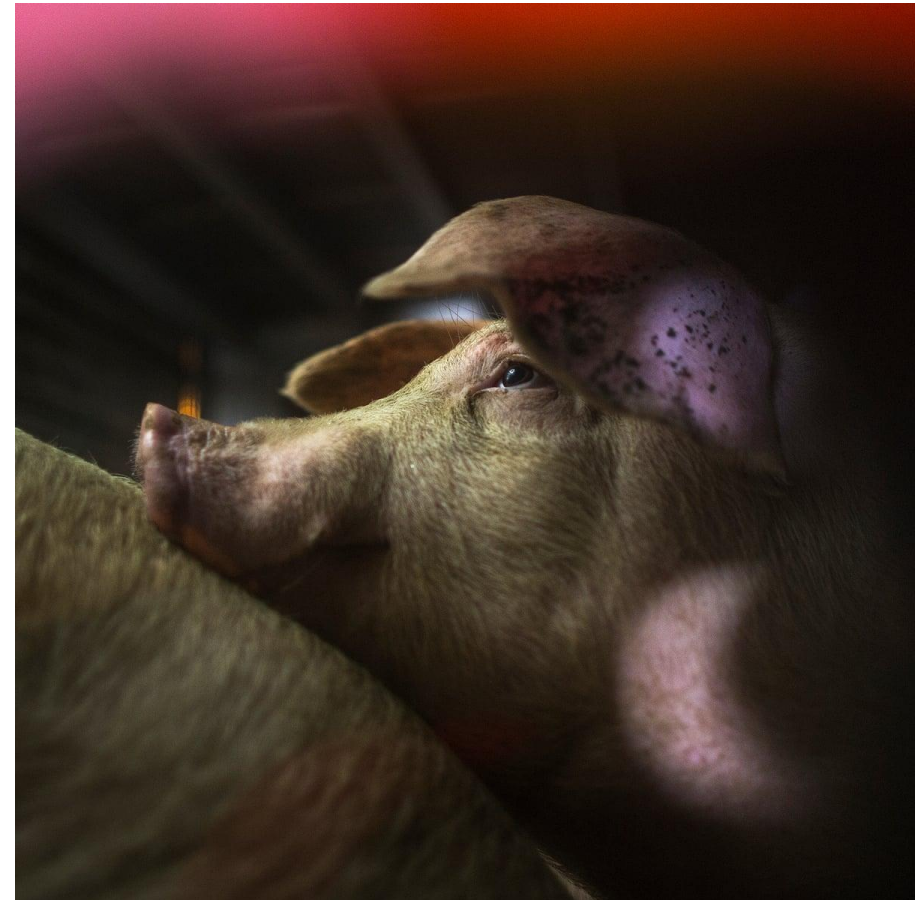
# Animais como “pessoas”



Para tomar uma decisão de tirar a vida de um indivíduo de uma dada espécie, é imprescindível saber **se este tem ou não preferência por permanecer vivo** e, caso a tenha, esta deve ser tomada em consideração.



Peter Singer defende que não poderão ser submetidos à morte todos os animais que manifestarem preferência pela vida – que sejam “pessoas”.



# Animais como “pessoas”



Estamos a perguntar se alguns animais não-humanos são seres racionais auto-conscientes: **conscientes de si mesmos como entidades distintas com passado e com futuro.**

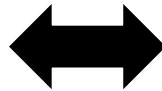
Ser “pessoa”, nesta acepção, significa ser racional e ter um grau de consciência suficiente para a entidade que a **possui identificar-se a si própria como a mesma ao longo do tempo**, de modo a recordar o passado (uma espécie de “biografia”) e a projectar um futuro cuja condição de possibilidade é **precisamente a permanência da e na vida** ou a recusa da morte (inclui primatas e mamíferos).



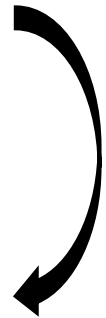
# Problemas da perspectiva de Singer

Existem dois critérios de avaliação moral, nem sempre possíveis de harmonizar:

Uma preocupação igualitária,  
baseada na posse individual  
de interesses



Um critério hierárquico das  
capacidades cognitivas – um  
critério que diz respeito à  
espécie e não ao indivíduo



Põe em causa o princípio da igual  
consideração de interesses

# Problemas da perspectiva de Singer



Singer defende que os animais mais simples **podem ser substituídos**.

O utilitarismo de preferências é um limite à ideia que o bem-estar/felicidade geral se deve impor ao bem-estar das partes. Mas se as preferências dos animais mais simples (não auto-conscientes e conscientes de forma mínima) não são considerados – retomamos o critério (holista) da maior felicidade para o maior número.

Se consideramos as preferências como um incremento da quantidade de felicidade geral, as criaturas sencientes serão substituídas (em termos de peso na consideração moral) por outras – as conscientes e auto-conscientes.



Este argumento justificaria a morte de animais desprovidos de consciência e auto-consciência.

# Discussão



**Qual a perspectiva mais robusta: o utilitarismo clássico ou o utilitarismo de preferências?**

**Join at [slido.com](https://www.slido.com/join/3380462)  
#3380462**



# Checklist de Conhecimentos e Competências a Adquirir:

- Compreender a importância da Senciência como critério moral
- Entender a Senciência numa perspectiva de Interesses contra o Especismo
- Compreender as consequências da aplicação prática desta perspectiva de Interesses
- Distinguir entre o Utilitarismo Hedonista (clássico) e o Utilitarismo de Preferências de Singer
- Identificar as limitações da visão ética de Peter Singer

# Bibliografia da aula



## Principal

Singer, P. (1974), "All animals are equal", *Philosophic Exchange*, 1 (5): 103-116. (**Leitura obrigatória**)

Singer, P. (1975), *Animal Liberation*. London, Pimlico.

Singer, P. ([1993] 2000), *Ética Prática*. Lisboa, Gradiva

Trestman, Michael, Jonathan Birch, and Colin Allen, "Animal Consciousness", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2026 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), forthcoming URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/spr2026/entries/consciousness-animal/>](https://plato.stanford.edu/archives/spr2026/entries/consciousness-animal/).

Gruen, Lori and Susana Monsó, "The Moral Status of Animals", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2024 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2024/entries/moral-animal/>](https://plato.stanford.edu/archives/fall2024/entries/moral-animal/).

# Bibliografia da aula



## Complementar

Palmer, J.A. (2005), *Fifty Key Thinkers on the Environment*. Routledge, London.

Duncan, I.J.H. (2006), “The changing concept of animal sentience”, *Applied Behaviour Science*, 100: 11-19.

Browning, H. & Birch, J. (2020), “Animal Sentience”, *Philosophy Compass*”, <https://doi.org/10.1111/phc3.12822>